

AUTOPERCEPÇÃO DE VULNERABILIDADE MASCULINA FRENTE À INFECÇÃO PELO VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA

Wendell Soares Carneiro (1) Evandro Guilherme de Araújo (2); João Márcio Nunes de Alencar (3); Jailson Alberto Rodrigues (4); César Cavalcanti da Silva (5)

(1) Universidade Federal da Paraíba carneirows@outlook.com

(2) Universidade Federal do Piauí. evandroaraujo_17@hotmail.com

(3) Universidade Federal do Piauí. jnalen@hotmail.com

(4) Universidade Federal do Piauí. jailsonalbertorodrigues@yahoo.com.br

(5) Universidade Federal da Paraíba rascprof@gmail.com

RESUMO: Desde o início da epidemia de HIV, o homem sempre foi o mais acometido por essa doença. Diferentemente das mulheres, os homens se acham invulneráveis, cultivando o pensamento de que não vão adoecer, fortalecendo ainda mais o pensamento de ser o homem ‘o sexo forte’, por isso, objetivou-se investigar a percepção do homem sobre sua vulnerabilidade ao HIV. Material e trata-se de um estudo transversal, descritivo, com abordagem quanti-qualitativa, realizado em escolas públicas da cidade de Floriano-PI, com alunos regularmente matriculados na modalidade de ensino ‘Educação de Jovens e Adultos – EJA’, através da aplicação de um questionário. A amostra, do tipo casual, foi constituída de 25 homens com idade entre 18 e 59 anos. Predominou a faixa etária entre 18 e 25 anos (44%), estado civil solteiro (60%), raça/cor pardo (48%), religião/credo católica (52%), quantidade de pessoas com quem reside predominando de 1 a 3 pessoas (48%), renda familiar mensal de 1 a 3 salários mínimos (48%). Dos sujeitos, 80% referiram não receber qualquer auxílio financeiro, 84% procedem da zona urbana e 52% relataram estarem desempregados. Os sujeitos percebem-se vulneráveis ao HIV, apesar do pouco conhecimento sobre a temática. Embora a maioria dos sujeitos demonstrem consciência da gravidade da infecção pelo HIV, realizam algum método de prevenção e se consideram vulneráveis a contrair o HIV/Aids caso adotem/reproduzam certos comportamentos de risco e práticas vulnerabilizantes.

Palavras-chaves: HIV, Vulnerabilidade em saúde, Masculinidade.

INTRODUÇÃO

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida - AIDS é uma doença infectocontagiosa causada pelo Vírus da Imunodeficiência Humana - HIV, que

ata ca o sistema imunológico e consequentemente deixa o organismo susceptível a infecções oportunistas, por exemplo. A aids, que nas primeiras décadas de seu surgimento era uma doença de alta letalidade, com o avanço da medicina através da terapia antirretroviral,

(83) 3322.3222

contato@conbracis.com.br

www.conbracis.com.br

tornou-se uma doença crônica, sendo possível obter uma boa expectativa de vida (BRASIL, 2012).

Portar o HIV não significa estar com aids, pois existem vários portadores do vírus que não apresentam sintomas, portanto, ainda não desenvolvendo a doença. Outro fator que contribui para que o portador do vírus não manifeste a doença de imediato, é o período de latência do vírus, o qual está em torno de 10 anos, contribuindo assim para que a doença fique despercebida (BRASIL, 2012).

No início da epidemia, o sexo masculino era mais acometido pelo HIV, pois o vírus predominava entre Homens que faziam Sexo com Homens, os HSH (homo e bissexuais), apresentando uma razão de 15 homens para cada 1 mulher, em 1986. Entretanto, o vírus passou a acometer os heterossexuais, aumentando a incidência no sexo feminino e alterando a proporção entre os sexos para 1,8 homens por cada 1 mulher, em 2013 (SILVA; SANTOS; STOSIC, 2014; BRASIL, 2013).

Diferentemente das mulheres, os homens se acham invulneráveis, cultivando o pensamento de que não vão adoecer, fortificando ainda mais o pensamento de ser o homem 'o sexo forte'. Além disso, a procura preventiva do sexo masculino pel

as unidades de saúde esbarra no medo de o médico descobrir algo negativo relacionado à sua saúde e, sua crença de invulnerabilidade seja superada. Em decorrência disso e de outros fatores biológicos, sociais e culturais, o Ministério da Saúde elaborou o Programa Nacional de Atenção Integral a Saúde do Homem (PNAISH), o qual visa uma atenção holística à saúde desse público que esteja com idade entre 25 e 59 anos, o que corresponde a 41,3% da população masculina aumentando assim o incentivo para que os mesmos frequentem o serviço de saúde (FIGUEIREDO; SCHRAIBER, 2011; MENDONÇA; ANDRADE, 2010).

A saúde do homem vem sendo bastante enfatizada e estudada nos últimos anos, pois a população masculina apresenta uma baixa procura pelos serviços de atenção à saúde e, conseqüentemente, isso se torna um fator de vulnerabilidade para essa população. Em geral, quando esse público procura o serviço de saúde já está com um problema cronicado, pois não conseguiu curá-lo sem o auxílio de profissionais competentes, afetando sua qualidade de vida (FONTES *et al.*, 2011).

Diante do entendimento que todos estão de diferentes modos e intensidades vulneráveis ao HIV, especialmente o homem, em decorrência dos seus hábitos, costumes e crenças, surgiram as seguintes perguntas: Será que o homem considera-se

susceptível a contrair o HIV? De que maneira a população masculina percebe-se vulnerável ao HIV?

A maioria das publicações científicas sobre vulnerabilidade ao HIV relaciona-se ao público feminino, pois as mulheres procuram mais o serviço e isso facilita o acesso a esse grupo. Assim, a realização do presente trabalho possibilitará o encontro de recursos que possam reverter ou transformar o pensamento machista, auxiliando os serviços de atenção primária à saúde no redirecionamento das práticas de prevenção da infecção pelo HIV entre os homens. Para tanto, buscou-se investigar a percepção do homem sobre sua vulnerabilidade ao HIV.

METODOLOGIA

O presente estudo foi do tipo transversal, descritivo, com abordagem quanti-qualitativa, realizado em escolas públicas da cidade de Floriano-PI, com alunos regularmente matriculados na modalidade de ensino 'Educação de Jovens e Adultos – EJA'.

O município de Floriano situa-se na Zona Fisiográfica do Médio Parnaíba, à margem direita desse mesmo Rio. Tem uma população estimada em 58.702 habitantes, sua área territorial é de

3.4

09,649 km² e está localizado a 240 km da capital do Estado, Teresina (IBGE, 2014).

O universo a ser estudado constitui-se de todos os homens residentes em Floriano-PI com idade entre 15 e 49 anos (faixas etárias determinadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, que mais se aproximam daquela fixada pelo estudo), o que totaliza, aproximadamente, 17.597 homens (IBGE, 2010). A amostra, do tipo casual, foi constituída de 25 homens com idade entre 18 e 59 anos.

Foi fixada essa faixa etária como critério de inclusão do homem na amostra, visto ser o período em que se está em vida sexual, produtiva e reprodutiva. Além de abranger duas etapas da vida onde ocorrem os maiores índices de novas infecções pelo HIV, a juventude e início da vida adulta.

Além dos critérios de inclusão, ter idade entre 18 e 59 anos e eram do sexo masculino, o sujeito deveria estar regularmente matriculado no EJA e residir em Floriano – PI (zona urbana ou rural), manifestar desejo de participação no estudo mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os dados foram coletados através da aplicação de um questionário estruturado o qual continha questões objetivas relacionadas às condições sociais, econômicas, culturais e, pertinentes à investigação sobre os comportamentos de

risco e percepção dos homens sobre sua vulnerabilidade ao vírus HIV.

O município possui 34 escolas públicas, destas 08 desenvolvem o EJA. A escolha das unidades escolares foi definida por sorteio aleatório simples. A partir dessa definição, foi sorteada uma sala de aula por unidade escolar e aplicado o questionário a todos os homens que se enquadrarem no critério de inclusão. A aplicação do questionário deu-se entre os meses de agosto e setembro de 2015 e, durou cerca de 20min, ocorrendo na própria sala de aula no horário noturno, das 19:00 às 22:00 a noite, uma vez que as aulas ocorrem apenas nesse período.

Foi autoaplicado, ou seja, após leitura prévia realizada pelo pesquisador a todos os participantes, coletivamente, cada sujeito respondeu individualmente. Sendo os dados coletados organizados em um banco de dados criado em planilha do *Excel for Windows 2007* e analisado quantitativamente através da estatística descritiva, expondo-se as frequências relativas e absolutas das variáveis de interesse.

A proposta de pesquisa foi enviada ao Comitê de Ética em Pesquisa do *campus* Ministro Petrônio Portella, em Teresina-PI, da Universidade Federal do Piauí, para apreciação de sua viabilidade ética. Sendo

ovado com CAAE 47884415.8.0000.5214.

Resultados e Discussão

Tabela 1 – Distribuição sociodemográfica da amostra.

Variável	Descrição	N	%
Faixa etária	18 a 25	11	44,0
	26 a 33	04	16,0
	34 a 41	05	20,0
	42 a 49	03	12,0
	50 ou mais	02	8,0
Estado civil	Com relação	10	40,0
	estável	15	60,0
	Solteiro	00	0,0
	Viúvo	00	0,0
	Divorciado		
Raça/cor	Negro	09	36,0
	Indígena	01	4,0
	Amarelo	02	8,0
	Pardo	12	48,0
	Outra	01	4,0
Religião/credo	Protestante	10	40,0
	Espírita	00	0,0
	Católica	13	52,0
	Sem religião	02	8,0
	Outra	00	0,0
Nº pessoas com quem reside	Sozinho	02	8,0
	1 a 3	12	48,0
	4 a 6	08	32,0
	Superior a 6	03	12,0

Renda familiar*	Inferior a 1	11	44,0
	1 a 3	12	48,0
	Superior a 3	02	8,0
Recebe auxílio financeiro	Não	20	80,0
	Sim	05	20,0
Procedência	Zona rural	04	16,0
	Zona urbana	21	84,0
Situação ocupacional	Empregado	12	48,0
	Desempregado	13	52,0

Concordando com os achados do presente estudo, a faixa etária verificada no estudo de Albuquerque et al. (2014), menor que 30 anos (66,3%) com uma média de 28,6 anos, demonstra que a infecção pelo HIV está acontecendo cada vez mais cedo, visto o período de latência do vírus.

Quanto ao estado civil, Coelho et al. (2012) apresentaram estudo em que 63,8% dos sujeitos declararam-se casados. O que contradiz o perfil de solteiros encontrado neste estudo.

Jardim e Santos (2012) relataram no seu estudo que a religião predominante foi à católica, 57,2% dos sujeitos. Corroborando com o percentual verificado neste estudo.

Segundo o estudo de Domingues (2014), em geral, a renda familiar mensal de homens participantes de pesquisas desta natureza está em torno de 3 a 5 salários

mí

nimos, mostrando-se superior ao que foi encontrado neste estudo.

Guimarães et al. (2013) demonstraram que a cor branca predomina (autodeclarada por 43,5% em seu estudo). Isso mostra a diferença entre a prevalência de raça/cor entre os dois estudos.

Pereira et al. (2014) encontraram que uma grande parcela (97,9%) reside em zona urbana. Corroborando tais achados com os do presente estudo.

Gomes et al. (2011) evidenciaram um baixo percentual (26%) de desempregados, quando em comparação com o verificado neste estudo.

68% dos sujeitos consideram existir a possibilidade de serem infectados pelo HIV, 28% não e 4% não responderam.

Silva et al. (2014), verificou em seu estudo que 64,2% dos participantes consideraram pouco possível ou impossível adquirir HIV. Entretanto, o estudo evidenciou que o aumento de parceiros sexuais aumenta as possibilidades de adquirir HIV.

Segundo Marques Junior, Gomes e Nascimento (2012) em seus estudos sobre masculinidades, na hegemônica o homem deve ser provedor, invulnerável e corajoso. Essa invulnerabilidade leva o homem a praticar atividades muitas vezes agressivas e que põe em risco sua saúde das pessoas em torno dele, sobretudo de sua companheira.

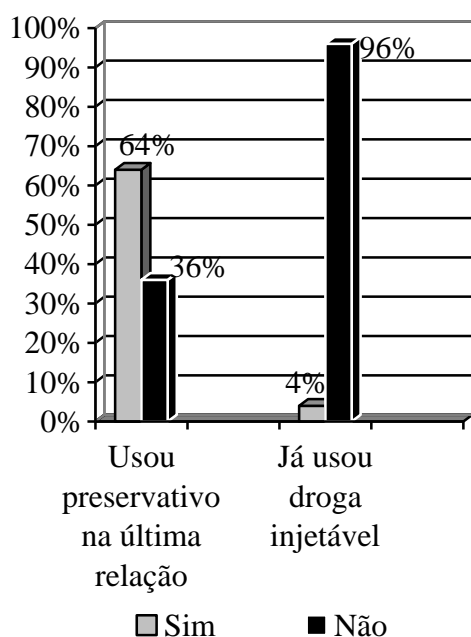


Figura 1 - Distribuição das respostas dos entrevistados, quanto ao uso do preservativo na última relação sexual e uso de droga injetável.

Visto a epidemia pelo HIV/Aids que está ocorrendo no Brasil e no mundo, considera-se baixo o resultado encontrado para o uso do preservativo durante a última relação sexual entre os homens. Evidenciando ainda mais sua vulnerabilidade e autopercepção como invulnerável.

Segundo Jardim e Santos (2012), em seu estudo sobre uso do preservativo masculino, 63,3% dos participantes referiram fazer uso da camisinha como maneira de prevenir doenças. Enquanto 2,4% relataram não adotar métodos de prevenção, diferindo significativamente dos

achados de Silva et al. (2014), o qual mostra através de seus dados, que 45,8% dos entrevistados não teriam usado preservativo na última relação sexual.

Em relação ao uso de droga injetável, 96,0% referiram nunca terem utilizado. Sabidamente, o uso de drogas injetáveis, especialmente quando do compartilhamento de materiais perfuro-cortante, configura-se comportamento de risco para infecções por vírus como o HIV.

A quantidade de homens que nunca utilizou droga injetável também se mostra baixo. O que possivelmente favorece a diminuição da transmissão do HIV pela via hematogênica e pode estar associada ao desenvolvimento de políticas públicas no combate ao uso de drogas, educação em saúde, segurança e saúde pública.

Silva et al. (2015) relata em seu estudo que em relação ao uso de drogas injetáveis, 54,8% relataram faz uso de alguma droga injetável, atualmente. Isso faz com que, segundo Albuquerque et al. (2014), esse público apresente alto risco de adquirir IST/Aids em decorrência da transmissão parenteral por meio do compartilhamento de seringa contaminada.

Quando questionados sobre os métodos que utilizam para se prevenir da aids, 88% dos participantes relataram utilizar a camisinha masculina, 4% relataram manter relacionamentos estáveis com uma única

parceira e 8% afirmaram desconhecer os métodos preventivos.

Apesar de a camisinha ser o método de prevenção da aids mais eficaz e utilizado, com baixo custo e fácil acesso nas Unidades Básicas de Saúde - UBS, há um desconhecimento das formas de prevenção da doença ou do próprio processo de saúde-adoecimento. O simples uso desse método, para os sujeitos, mostra-se suficiente para a prevenção.

Reis e Bernardes (2011) evidenciam em seu estudo realizado com população carcerária, que os sujeitos reconhecem a importância da prevenção, apontando a camisinha como o mais eficiente. Entretanto, tendem a usá-la com pouca frequência em decorrência da dificuldade de aquisição, da falta de orientação para o uso e a falta de interesse individual, que se justifica pelo envolvimento em relação estável com parceria fixa.

CONCLUSÕES

No contexto em que o público participante do estudo encontra-se, com insuficientes condições de educação e renda, verificou-se que embora apresentem pouco conhecimento acerca da doença e seus modos de prevenção e infecção, a maioria dos sujeitos demonstrou com

sciência da gravidade da mesma e que estão de uma maneira ou de outra, vulneráveis a adquirir o HIV, caso adotem/reproduzam certos comportamentos de risco e práticas vulnerabilizantes.

De acordo com as respostas dos entrevistados, observou-se que a maioria dos sujeitos apesar do conhecimento limitado a respeito da doença, reconhecem a gravidade, realizam algum método de prevenção e se consideram vulneráveis a contrair o HIV/Aids.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, A. C. C. et al. Soroprevalência e fatores associados ao Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e sífilis em presidiários do Estado de Pernambuco, Brasil. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 7, p. 2125-32. 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico-Aids e DST**. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites virais. Brasília: MS, 2013.

_____. Ministério da Saúde. História da Aids. Departamento de DST, Aids e Hepatites virais. Brasília: MS, 2012. Disponível em:

<http://www.aids.gov.br/pagina/historia-da-aids> . Acesso em 20 de Março de 2015.

COELHO, J. P. et al. Perfil dos portadores de VHB/VHC usuários do serviço de assistência especializada em DST/HIV/AIDS de Juazeiro/BA. **Rev. baiana saúde pública**, v. 36, n. 4, p.1002-1018, 2012.

DOMINGUES, P. S. A **representação social do ser homem para homens heterossexuais e a vulnerabilidade para o HIV/AIDS**. [Tese]. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2014.

FIGUEIREDO, W. S.; SCHRAIBER, L. B. Concepções de gênero de homens usuários e profissionais de saúde de serviços de atenção primária e os possíveis impactos na saúde da população masculina, São Paulo, Brasil. **Ciência Saúde Coletiva**, v. 16, suppl. 1, p.935-44, 2011. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232011000700025&lng=en&nrm=iso>. Acessos em: 12 jan. 2015.

FONTES, W. D. et al. Atenção à saúde do homem: interlocução entre ensino e serviço. **Acta paul enferm**, v. 24, n. 3, p. 430-33, 2011.

(83) 3322.3222

contato@conbracis.com.br

www.conbracis.com.br

GOMES, R. et al. Os homens não vêm! Ausência e/ou invisibilidade masculina na atenção primária. **Ciência Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, suppl. 1, jan. 2011. Disponível em <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232011000700030&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 06 jan. 2015.

GUIMARÃES, M. D. C. et al. Vulnerabilidade e fatores associados com HIV e sífilis em homens que fazem sexo com homens. Belo Horizonte, MG. **Rev Med Minas Gerais**, v. 23, n. 4, p. 412-426. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Estimativa populacional 2014**. Disponível em: www.cidades.ibge.gov.br. Acesso em: 17/04/2015.

JARDIM, D. P.; SANTOS, E. F. Uso do preservativo masculino por adolescentes no início da vida sexual. **Adolesc. Saúde (Online)**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 37-44, 2012.

MARQUES JUNIOR, J. S.; GOMES, R.; NASCIMENTO, E. F. Masculinidade hegemônica, vulnerabilidade e prevenção ao HIV/AIDS. **Ciência Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, fev. 2012.

Disponível

em:<http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232012000200024&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 11 jan. 2015.

MENDONÇA, V. S.; ANDRADE, A. N. D. A Política Nacional de Saúde do Homem: necessidade ou ilusão?. **Revista Psicologia Política**, v. 10, n. 20, p. 215-226, 2010.

PEREIRA, B. S. et al. Fatores associados à infecção pelo HIV/AIDS entre adolescentes e adultos jovens matriculados em Centro de Testagem e Aconselhamento no Estado da Bahia, Brasil. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 3, p. 747-758, 2014.

REIS, C. B.; BERNARDES, E. B. O que acontece atrás das grades: estratégias de prevenção desenvolvidas nas delegacias civis contra HIV/AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis. **Ciência & Saúde Coletiva [serial on the Internet]**, p. 3331-8, 2011.

SILVA, G. S. et al. M. Risco de contrair HIV entre usuários de motéis diante de suas práticas sexuais. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**.

v.

4, n. 2, p. 1065-75, 2015.

SILVA, H.; SANTOS, A.; STOSIC, T. Estudo de comparação da tendência da aids no Brasil, regiões e estados, de 1990 a 2012, por sexo e faixa etária. **Revista da Estatística da Universidade Federal de Ouro Preto**, v. 3, n. 3, p. 446-450. 2014.

SILVA, H.; SANTOS, A.; STOSIC, T. Estudo de comparação da tendência da aids no Brasil, regiões e estados, de 1990 a 2012, por sexo e faixa etária. **Revista da Estatística da Universidade Federal de Ouro Preto**, v. 3, n. 3, 2014.